

NÓS... E OS OUTROS

A sociedade burguesa, caracterizada no regime capitalista em que vivemos, com base na propriedade privada, precisa, para se manter, de dinheiro para comprar, polícia para guardar, clero para embriagar, legisladores para fazer as leis; advogados para interpretá-las; juízes para condencar oficiais de justiça para executar; carcerairos e presídios para prender; políticos para iludir; exercitos para fazer as guerras. Nestas funções inuteis e apena justificáveis pela existência do regime, ocupam-se milhões de homens

que formam classes parasitárias as consumir o produto dos que trabalham, alguns dos quais exercem essas funções involuntariamente.

São consequências deste regime: miséria, exploração comercial, guerras, latrocínios, prostituição, alcoolismo, estupidez, loucura, sífilis, burocracia, crianças abandonadas, imoralidade, aniquilamento da personalidade humana.

A isto chamam eles ordem, progresso, justiça, moral!

O comunismo libertário se concretiza por:

Ausência das classes parasitárias pelo desaparecimento das causas que justificam a sua existência no regime capitalista; trabalho produtivo em todas as manifestações da vida humana; distribuição justa de todos os produtos, visto a produção se fazer para atender às necessidades coletivas; aproveitamento de todas as manifestações da ciência e das artes, pois que o indivíduo, não tendo obstáculos econômicos, políticos, sociais ou religiosos a entravar-lhes a marcha das aspirações, é livre no desenvolvimento de todas as suas faculdades criadoras; constituição natural da família, unida pelo amor, sem os obstáculos que encontra no regime capitalista, visto haverem desaparecido as causas

que transformam a família em um lamaçal de incertezas, de instabilidade e de miserias morais; liberdade para todos os seres humanos, limitada apenas pelo direito de cada indivíduo ao gozo dessa liberdade; gerações fortes e saudáveis pela prática dos esportes e climentação sábia, visto haver de tudo para todos.

Consequências lógicas do regime libertário:

Bem estar para todos, liberdade para todos, cultura para todos, humanidade feliz!

A isto chamamos nós ordem, progresso, justiça, moral.

S. PAULO, 15 DE SETEMBRO DE 1947

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

"SÓ O ERRO NECESSITA DA AJUDA DO GOVERNO. A VERDADE PODE EXISTIR POR SI MESMA".

— JEFFERSON

Sombras de Tragedia

Quando ainda sentado à carteira infantil de uma escolinha rural, aprendi, através de uma poesia que recitei num dia de festa, que, desde os tempos mais remotos, transformado em lenda, um povo sofre, mais de que os outros povos, porque nem mesmo lhe permitem a estabilidade da raça, as consequências da eterna injustiça social. Vítima de paixões religiosas e

políticas, perseguido em toda a parte, "em toda a pátria estrangeira", na expressão do poeta suja poesia recorde com profunda mágoa, o povo hebreu, que tem demonstrado uma capacidade de resistência fenomenal, continua, hoje como ontem, perseguido, vilipendiado, exposto às más trágicas consequências do despotismo reacionário.

Poucos povos tem fornecido à causa da liberdade maior contingente de mártires; poucos tem dado à ciência, às artes e à literatura maior número de cultores e de apóstolos; poucos tem sofrido, resignados, maior soma de injustiças e de crimes praticados pelas tiranias de todos os tempos!

A história está cheia de páginas sangrentas e de corpos mutilados de judeus, desde os tempos bíblicos à nossa época. Figuras gigantes do pensamento universal passam pelas provas mais barbares dos métodos inquisitoriais, ou pendurados nas fôrmas assassinas, de judeus a quem esmagaram os ossos para arrancar-lhe uma profissão de fé, ou morrem de fome nos campos de concentração nazista, vítimas de ódios de raça.

E o desfile continua, apesar do sangue derramado por eles nos campos de batalha de todos os "fronts" em prol da liberdade e das democracias.

A trajédia da Palestina, na atualidade é uma continuação do martírio inflingido aos judeus em todas as épocas. É revoltante a política seguida pelo trabalho inglês com relação aos acontecimentos.

Divulgou-se há dias uma notícia referente a cinco fugitivos do inferno franquista que ainda dormia a Espanha, notícia que, pelo seu conteúdo, causa assombro e revolta.

Confidados no direito de asilo, esses cinco espanhóis, entre os quais têm dois que haviam pertencido à falange, embarcaram clandestinamente a bordo de um navio português, conseguindo assim fugir à ação repressiva da polícia política de Franco, talvez à morte.

Aqui aportados, julgaram-se a salvo por se encontrarem em um país capaz de respeitar o direito dos assilados políticos.

Elementos livres da colônia espanhola e alguns membros da SIA, uma organização destinada à prática da solidariedade a perseguidos políticos, agiram no sentido de ser conseguido o seu desembarque em terras brasileiras.

Ao que parece, porém uma autoridade de um dos portos do norte não permitiu que esses cinco fugitivos em busca de asilo aqui dessembarcassem, fazendo-os transalar para um navio espanhol, que certamente os conduziria à Espanha, onde seriam entregues ao monstro devorador de vidas humanas que é o fascismo ali imperante.

Esta notícia, que noutros tempos teria provocado indignação geral e manifestações da opinião pública, passou despercebido, como se se tratasse de um caso corriqueiro!

Não indagamos quem são os cincos clandestinos nem a que correntes políticas estão filiados. Vemos no ato dessa autoridade a prática de uma infâmia, porque desrespeita e atenta contra o direito de asilo e achincalha um sentimento de solidariedade humana.

E' em nome desse sentimento que protestamos. E' contra a prática dessa infâmia que faz uma autoridade brasileira encaminhar para morte certa, satisfazendo instintos de vingança política de uma tirania, cinco seres humanos que bateram as portas do Brasil pensando que aqui se respeitava o direito de asilo, que ainda é uma das poucas normas dessa podridão social mercenária de respeito e dignas de povos civilizados.

Protestamos com o desejo de que este protesto seja extensivo a todos os que, animados de idéias nobres de justiça e de consciência livres conservam a dignidade humana apesar de tudo e de todas as infâncias do capitalismo.

tos que se veem desenrolando na Palestina. Ainda agora, os jornais andam cheios de comentários a propósito do desembarque compulsório dos judeus que a bordo do "Exodus" 047, um navio que passará à história como navio fantasma, levaram meses seguidos de peregrinação forçada, sendo atirados pelas autoridades inglesas justamente nos portos da Alemanha, de onde eles guardam as recordações mais trágicas dos sofrimentos ali sofridos sob o tacão dos monstros do nazismo e de onde haviam partido em buscas da terra prometida!

Deixando de lado a felicidade antipática da vida dos judeus, qual seja a de se dedicarem no comércio especulativo, o que é também uma consequência da instabilidade a que estão condenados, não podemos deixar sem protesto esse intento à dignidade humana e à liberdade de locomotiva inerente a todo indivíduo praticado pelas autoridades do Império britânico.

E' preciso conhecer-se a obra realizada pelos judeus na Palestina, obra construtiva, de trabalho e progresso, para se ter uma idéia de quanto é injusta e odiosa a política britânica com relação ao caso. E' necessário que se conheça o espírito de solidariedade praticado entre as famílias judaicas, que poderia tornar-se extensivo a todas as nações, se não fossem os preconceitos a dividilos e a expulsá-los do convívio das coletividades estranhas no seu meio, para compreender quanto é arbitraria a intervenção inglesa na Palestina.

Mas o caso dos passageiros do "Exodus 1947", que acaba de consumar-se por imposição da tirania de um governo "socialista", não é só revoltante: é indigna de ser praticado por seres humanos, porque é barbara por no ponto de ser concebida apenas por tiranos dos séculos passados, que acreditavam no princípio de autoridade a estupidez da cultura e a intolerância das suas combardas ao ponto de ser concebidas religiosas.

Nós, que não temos preconceitos de raça; que não alimentamos sentimentos patrióticos, porque desejamos o mundo fazendo parte de uma pátria unica; que desejamos para todos o mesmo direito à vida; que consideramos todos os seres vítimas de uma organização imperfeita e imoral, nós, os anarquistas, para quem os judeus são seres humanos deslocados na órbita das suas tradições e do seu meio ambiente pela violência e pela força, reivindicamos para eles, como para todos, o direito de escolherem livremente a sua moradia, o seu "habitat".

Por que não dar ao judeu esse direito por que deve o mundo continuar no erro de conservar essa polvo fora das leis naturais?

"Em toda a pátria estrangeira, Toda a vida peregrina. Vede se ha mais triste sinal: Ser rico e não ter lar! Sempre a lenda da Ashavera, Sempre o decreto divino, Sempre a expulsar-me o destino. Como Abrãão à pobre Agar...".

E dentro deste conceito de Tho-

mas Ribeiro, nós colocamos o princípio de liberdade para dizermos que só o comunismo libertário, só com o desaparecimento das causas que fazem dos judeus, como de todos os seres humanos, escravos do regime que tem por base a exploração do homem pelo homem, pode haver a solução de mais esse problema social.

SOUZA PASSOS

Sem Casa Para Morar

Dezenas de famílias despejadas no bairro do Bom Retiro

As cenas de despejo que se estão verificando continuamente nesta Capital, quase sempre determinadas pela febre de demolições com o fim de construir-se arranha-céus, são bem o espelho desta sociedade em que só é permitido viver-se explorando ou sendo explorado.

Famílias inteiras são postas ao relento, por decisões judiciais, a mando do capitalismo explorador.

Crianças e velhos são jogados à rua deshumanamente, junto com móveis e cacaueiros, não importa que chova, faça frio ou calor, isto porque, não encontrando casa para alugar, em virtude da escassez de habitações — porque estamos passando, o lar das classes pobres se vê na impossibilidade de atender às intimações judiciais que lhes são dirigidas com ameaças de despejo.

E as ameaças se tornam duras realidades.

Ainda agora, dezenas de famílias estão ameaçadas de despejo sumário e irrevogável, no bairro do Bom Retiro. E' possível mesmo que essa ameaça já se tenha consumado, pois a notícia que lemos em um Jornal, há dias atrás, dizia que essas famílias tinham apenas o prazo de vinte e quatro horas para se mudarem.

E dessa forma que os governantes solucionam o problema de habitação para os pobres: deixando que os passageiros das ruas sejam depositários da miséria e dos infortúnios daqueles que são obrigados a viver pagando aluguel astronómico, e que assim mesmos, explorados desumanamente pelos senhores, exploração que chega ao ponto de exigir até o pagamento dos impostos, por parte dos inquilinos, não encontram casa para morar.

E a isto chamam civilização e progresso!

Senando Ideias...

A liberdade de um país é medida pelo grau de tolerância que opõe às concepções e ideias pessoais de seus habitantes.

Toda ideia se justifica por si mesma, enquanto corresponde à convicção honesta daqueles que a representam. Converte-se em despotismo quando estes intentam impô-la aos seus semelhantes violentamente e contra a sua vontade.

Neste caso não é a ideia em si, mas o método que adotam para transformá-la em realidade que justifica a resistência e pode fazer com que esta se transforme na necessidade de recorrer ao emprego da força.

Holdolf Rocker



JORNAL RECEBIDOS

Acrecentamos à relação publicada em o número passado, de jornais anarquistas que vimos recebendo regularmente, de todas as partes do mundo, mais as seguintes publicações:

"Organización Obrera" — Buenos Aires — Argentina.

Órgão da Federação Obrreira Regional Argentina (F. O. R. A.), destinado a distribuição gratuita, o número que temos à mão, composto de 12 páginas, é dedicado à comemoração de 1.º de Maio.

Alem dos assunto referentes à data, publica vasto noticiário sobre o movimento anarquista internacional.

Ocupa-se ainda, com grande destaque, dos camaradas Iadrilheiros que a polícia política de Peron atirou aos calabouços de San Martin, publicando dados biográficos desses abnegados militantes e os retratos desses nossos mártires do nosso movimento — Adelino Domingos, Domingo Perotti, Sebastian Zolli e Gólio Conti.

"Libertad" — Boletim Regional da Bretanha do Movimento Libertário Espanhol — (M. L. E.), este jornal traz excelente colaboração e noticiário relacionados com o movimento libertário na Bulgária.

"Ruta" — editado em Toulouse, França, recebemos o número 97, do ano IV, deste bem feito jornal de grande formato, orgão da Federação Internacional das Juventudes Libertárias (F. I. J. L.). Com elevados conceitos de arte, "Ruta" constitui uma das nossas publicações mais interessantes, quer pelo seu aspecto gráfico, quer pela vivacidade dos seus comentários e colaborações.

"Tierra y Libertad" — México — Como sempre, os últimos números deste jornal anarquista, que agora se publica no México, oferece aos que se interessam pelo movimento libertário uma leitura sadia e repleta de ensinamentos.

"Tierra y Libertad", continua assim, no exílio, a obra educativa que, desde o seu aparecimento, na Espanha vem realizando com destorida vitalidade.

"Spartacus" — Rio de Janeiro — Recebemos também o primeiro número deste jornalzinho da Juventude Spartacus do Rio de Janeiro, que publica as bases de acordo daquele Juventude anarquista da capital do país.

RESISTENCIA NECESSARIA

A política dos governos e dos partidos que se entrecocam, numa acirrada luta de predominio, aprofundam cada vez mais o abismo que divide os homens e os povos do mundo provocando e alimentando conflitos sangrentes que afastam na impossibilidade de qualquer solução dos problemas da paz e da volta à vida normal, operosa e fecunda.

Já são passados dois anos do fim da guerra, e o mundo permanece em armas, a ocupação militar dos países vencidos, não apenas dos vencidos, mas até mesmo dos povos "libertados" e aliados, continua, não obstante haver ficado o "inimigo" reduzido à impotência, impossibilitado de resistir; e a guerra, não declarada, mas que se desenrola desapiedada e sangüinolenta, serpenteia de um canto ao outro dos três continentes do velho mundo: da Espanha à Polônia, da Grécia à Palestina, da China ao Madagascar, da Coreia às Índias Inglesas e holandesas, tudo é vasto encadeado de batalhas e repressões que sangram e aniquilam o gênero humano. A segunda guerra mundial, incluída com a conquista fascista da península Ibérica, continua na forma de cruzada dos governos constituidos contra os povos que se rebelaram cansados de suportar domínios odiosos e revoltantes.

Os governos, e os partidos que os sustentam, de há muito anos controlados pelas castas militares que nos campos de batalha os conduziram à vitória, procuram a todo custo soluções de força em vez de procurarem a solução na razão e na justiça, para os conflitos secundários surgidos entre eles e entre os povos submetidos como consequência do apôs-guerra: soluções de força militar, de poderio econômico e de prestígio político.

Aparentemente encontram-se em luta duas ideologias políticas: a ideologia democrática de uma parte — o ocidente anglo-saxão — e a ideologia socialista da outra — o oriente moscovita. Sem dúvida, estas duas ideologias existem, há democráticos e há socialistas. Mais extintamente, existem aspirações democráticas e aspirações socialistas, as quais se manifestam todavia fora dos círculos governamen-

tais e dos partidos, formando cauda no sequito de um e outro bloco contendente.

Os socialistas que dirigem na Inglaterra a economia e as operações militares do imperialismo britânico; os comunistas que votam na França os fundos para a repressão no Madagascar e na Indochina; que, na Itália, votam a favor da consagração do pacto de "Lutro" na constituição da República, não são mais animados da ideologia socialista do que aqueles, que, nos Estados Unidos, de tendência democrática e republicana, supõem, com uma lei autoritária e absurda, a liberdade de opinião e o direito de greve, ou os parlamentos ingleses que autorizam e toleram os "programas" anti-semitas na Palestina.

As aspirações ideológicas são as máscaras da política dos governos e dos partidos que se debatem no choque das luas de domínio, máscaras transparentes que não conseguem nem mesmo cobrir a obscuridade das suas intriga, nem a verdadeira ação dos seus designados.

X X X

Só o anarquismo oferece aos homens um ideal de liberdade e de justiça que não é somente desejado, mas que é também possível realizar mediante a eliminação das causas do mal que afeta a vida social de todos os povos e das instituições políticas e econômicas que o perpetuam. E apresenta o modo como se deve alcançar a realização de um ideal de liberdade e de justiça para cada um e para todos.

De resto, todas as teorias políticas falham. Todos os governos que se tem afanado de aplicar essas teorias se mostram incapazes de permitir com que os povos e os indivíduos vivam

em paz entre si, no trabalho, que satisfaga as necessidades da existência que a todos tenha assegurado o pão de cada dia. Todos os governos, qualquer que seja a sua forma; todos os partidos que aspiram ao poder, qualquer que seja o seu programa, mostram-se apenas bábel em cavar os abismos da discordia e das lutas intestinas. Seguindo uns ou outros a humanidade sabe, sem dúvida, que a paz é impossível: em cada fronteira uma tregua efêmera de preparação febril para o assalto; internamente rixas contínuas entre os que, produzindo vivem na indigência, e os que, vangabundando, vivem na orgia.

Dentro do regime capitalista não há solução para os males da humanidade, porque governos e partidos não tem outra missão, não tem outra função sendo a de conspirar contra os povos que desfrutam, enganam e oprimem. Olhai em redor de vós e vejam: a segunda guerra mundial começou na Espanha como guerra contra o povo; continua hoje na Grécia, na Palestina, na Polônia, na China, no Madagascar, em toda a África, na Indonésia, na Coréia como guerra contra aqueles povos. Continua de uma forma odiosa, mais disfarçada, menos violenta, mas implacável, em todos os outros países contra os povos respectivos; é assim na Rússia bolchevista, como na América republicana.

Nesse caso, só há uma solução: ou resignar-se ao arbitrio das violências governamentais e dos partidos que os sustentam — ou resistir.

Resistir em nome da liberdade, da justiça, do direito à vida. Resistir em nome e pela dignidade do homem, que se sente capaz de assegurar-se a si mesmo e à sua prole um destino superior. Aquela que fez os escravos, os súditos, os sicários, os gladiadores para os ergástulos da plutocracia privada ou da burocracia estatal, pela glória dos generais e dos estadistas, pela grandeza de uma pátria que aniquila a humanidade.

O homem do século vinte tem consciência da sua força física e da sua potência intelectual e não pode, não deve renunciar a criar um ambiente propício à expansão integral de todas as suas energias.

A liberdade se afirma exercitando-a. A justiça se realiza iluminando-a.

"Admira del Retratari".

Cinemá
em revista

"Tortmento" — Assistimos Cinema em Revista, este filme cujo caráter, essencialmente psicológico e profundamente humano, é dos que devem ser assistidos por todos aqueles que se preocupam com a solução dos problemas sociais.

Não se notam neste filme as falhas de origem técnica, por vezes imperceptíveis e comuns a quase todos os filmes. E' dessas películas que conseguem fazer-nos sair do cinema satisfeitos, certos de que sobremos reunir o útil ao agradável.

Tendo-se em conta que os gostos variam de indivíduo, sendo subjetiva a apreciação das películas cinematográficas, somos forçados a dizer que em "Tortmento" a sequência das cenas e o argumento são tão brilhantes como os desempenhos dos artistas que nele trabalham. Melvyn Douglas e Rosalind Russel, ele como um dos sobreviventes da última guerra, que, indiferente a tudo, encontrava na vida boêmia a única maneira de reparar os assassinatos praticados legalmente, em nome do Estado, e ela vivendo uma das vítimas desses mortifícios, são ambos magistrais na interpretação.

O motivo é uma das muitas neuroses causadas pela guerra. Intelectualmente de carácter psicológico, onde a importância do desempenho material é quasi nula. "Tortmento" nos põe em contacto com a realidade vivida através dos personagens que nele desfilam, farrapos humanos de vidas que a sociedade capitalista atirou à rua, e que o destino das concepções reune como afirmação clamorosa das injustiças sociais.

"EU E O SENHOR SATAN"

Esse filme que misteriosamente desapareceu, após a sua exibição no Cine Marabá, nos faz lembrar, às vezes a peregrinação de Dante e Beatriz nas profundezas de Inferno. Original, diferente, o "senhor satan" muito bem interpretado na figura de Claude Raines está amparado em arrastar para os fogos do inferno uma alma "lá de cima", e para isso conta com a figura de Paul Muni. A construtiva finalidade do filme, resalta-se quando é provada a inutilidade de mais uma das concepções burguesas, que, como todas as outras, não refletem sendo interesses próprios e o egoísmo característico do povo que compõe tal sociedade.

Waldemar

Galeidoscópio

Pelo Mundo Anárquico

ESPAÑHA SUBTERRÂNEA

Andaram pela Espanha jornalistas democráticos e liberais para ver o que por lá acontecia, mas voltaram invariavelmente de mãos vazias. Viram aquilo que o regime ou os círculos fornecidos pelo "governo no exílio" queriam que vissem; escreveram colunas e colunas de palavrado éco e de conjecturas mais ou menos arbitrárias; do que realmente acontecia na Espanha pouco tinham que dizer.

Apareceu, porém, um jornalista americano que também andou pela Espanha e viu alguma coisa, não muito, mas alguma coisa mais do que aqueles que o precederam. Trata-se de um correspondente do ultra-conservador órgão republicano "Herald Tribune" de Nova York, o senhor Allen Raymond, que, escrevendo de Genebra em data de 31.7, nos conta haver encontrado na Espanha uma imprensa clandestina da direita, uma imprensa clandestina do centro e uma imprensa clandestina da extrema esquerda.

A mais abundante é, naturalmente, a da extrema-esquerda. "Entre os vinte jornais clandestinos que me foi permitido ver — escreve o senhor Raymond — existem vários com estes nomes: "Solidariedad", "El Socialista", "La Republica", "Fuerza Social", "Fraternidad", "Solidaridad Obrera de Galicia", "La Cultura dos Ferroviários", "El Proletario", "La Libertad", "La Voz del Pueblo", "El Frente Libertario", "Castilla Libre", "Juventud", "Juventud Libre" e "El Guerrillero". Este último ensina aos seus leitores como se devem fabricar bombas e como sabotar pontes e ferrovias".

Os jornais clandestinos de tendência centrista — continuam o correspondente do "Herald Tribune" — são menos numerosos, e defendem a república suprimida, invocando um governo de transição que possa guiar o país para um pacífico transpasse do fascismo de Franco e um regime democrático.

A imprensa da direita ressuscita ideias do século XVI — escreve ainda Raymond — "Nos exemplares que vi encontrei acusações contra Franco de haver traído, em proveito pessoal, o "glorioso movimento" antiproletário, no qual tomaram parte importantes os monarquistas".

Estes são os monarquistas que ainda creem no direito divino, que consideram o Juan legítimo rei de

haver em toda a Espanha cerca de 144.000 prisioneiros, e não apenas 40.000 no máximo, conforme o calculo daquele jornalista que, em todo caso, viu alguma coisa...

Anarco-Sindicalismo

Merecem um esclarecimento as considerações feitas por este nosso camarada no artigo cujo final publicamos no presente número, iniciado em o número passado, quando se refere ao anarco-sindicalismo.

Convencionou-se dar a designação de anarco-sindicalismo no movimento de atuação dos anarquistas dentro dos sindicatos, no sentido de que estes sejam aproveitados como órgãos transformadores da sociedade, e cuja expressão se evidenciou na revolução espanhola, tornando possível aos sindicatos da Confederação Nacional do Trabalho, (C. N. T.) de tendências anarquistas, realizar, praticamente a, transformação social para o comunismo libertário, com as chamadas Coletividades agrícolas, as organizações industriais socializadas, de que "A Plebe" se vem ocupando desde o primeiro numero desta nova fase.

Nossos Jornais do Exterior

Na redação de A PLEBE e na agencia de jornais da rua D. José de Barros são encontrados três dos mais importantes desses jornais: "Tierra y Libertad", do México, e "Cultura Proletaria", de Nova York, em castelhano, e "Adunata del Refratari", de Nova York, em italiano.

Conceito sociológico do anarquismo

(Conclusão da 3.ª pag.)

E assim que entendemos o anarquismo: uma sociedade onde o indivíduo tenha liberdade de pensar e agir, muito embora a grande maioria esteja em desacordo com seu modo de pensar ou com seus atos, se estes, já o explicamos, não ferirem a liberdade dos seus semelhantes. Comunistas somos, por não acreditarmos ser possível viver-se isolados. O anarquista, mais do que ninguém precisa do convívio, do intercâmbio de idéias, já que o anarquismo é a eterna evolução.

Os antigos filósofos gregos e romanos queriam uma sociedade onde houvesse liberdade "política", ou seja, democracia, o que quer dizer: governo do povo, já que "demos" quer dizer "povo" e "cracia" "governo".

As repúblicas grego-romanas foram experiências feitas no sentido de ver se possível viver-se em um Estado livre; mas, sofrendo de mal congenito de todos os sistemas sociais até ali experimentados. O Estado — essas repúblicas contemporâneas são fruto de uma filosofia de liberdade e de justiça, mas irrealizável por conservarem encravadas no seu princípio de todas as tiranias — O Estado.

DEUS E A GUERRA

Llegaron los sarracenos
E nos moleram a palos;
Porque Dios ayuda a los malos
Quando son más que los buenos.

Após terminadas as guerras, geralmente os vencedores não deixam de evocar o nome de Deus por lhes haver concedido essa graça. E, tanto Marshall como Truman, não fugiram a esse lugar comum, quando dos discursos que aqui vieram pronunciar.

Segundo nos diz o poeta, cujo nome não me vem à memória, os bons, nesse caso os católicos, queixam-se amargamente, visto Deus ter ajudado os muros pelo fato de serem bons. Mas por acaso não tem sido sempre assim? Eis af um caso no qual a História sempre se repete.

Na ultima grande guerra, Deus fez vencer os bons. Porque tinham mais armas. Parece, no entanto, que estes bons agora vão querer entre si. E mais uma vez Deus dará ganho de causa aos que possuirem mais armas e mais homens, sejam eles católicos, protestantes, espíritistas (dentro do cristianismo), maometanos, budistas ou mesmo ateus.

INCOERÊNCIA PAPAL

Em uma mensagem que acaba de dirigir aos católicos, diz Pio XII: "A ignorância deve ser combatida. Este é o primeiro dever dos católicos. Chegou o momento, amados filhos, de combater pela Igreja".

Quanta contradição em tão poucas palavras! Ou bem se combate a ignorância e neste caso iremos, direta ou indiretamente, contra a Igreja, ou então, se se pretende combater pela Igreja, há que propagar, sobretudo, a ignorância. Ora vejamos, com os exemplos.

Como se sabe, há duas concepções acerca do Universo, de sentido completamente antagônico: uma teológica, a outra científica. Segundo a primeira, o Universo foi criado por um Deus, pessoal, de nada; e segundo a outra, o mundo jamais foi criado por quem quer que seja. Há uma infinidade de obras que o têm demonstrado de modo irrefutável. Ora, a Igreja não só aceita a primeira, como até em nome dela tem perseguido muitos sábios. Chegou mesmo a preclaro o ano, dia e hora em que Deus fez o Universo, e, algum tempo depois, os sábios descobriram que mul-

tos séculos antes que o Todo-Poderoso tivesse feito a Terra, já existia no Egito uma grande civilização composta de milhares ou milhões de pessoas.

Segundo a Igreja, a Terra é chata e fixa e no entanto todo mundo sabe os sofrimentos a que Gallieno foi submetido por essa mesma Igreja, por ter provado cientificamente o contrário. Hoje, qualquer criança de Grupo sabe que a Terra é redonda e rotativa, e que, por acaso, não se ensina a essa criança, é que a Igreja afirma o contrário.

A História está cheia de inúmeros fatos que nos mostram que combate-se a ignorância, combate-se, por isso mesmo, a Igreja e não pela Igreja, conforme pretende Pio XII. E se um dia todos os católicos vierem a saber que a Igreja deve a sua existência à ignorância, essa Igreja desaparecerá de uma vez para sempre.

PENSAMENTO RELIGIOSO

— Você acredita em Deus?
— Não.
— Por que?
— Porque ele não acredita em mim.

O. S.



Meu Caderno de Criança

PASSAROS NA GAIOLA

Meu amigo:

Você mostrou ter um bom coração soltando os seus dois passaros prisioneiros ao ler a carta de Humberto de Campos que eu lhe havia recomendado.

Eu agradeço sinceramente o ter-me ouvido! Agora venho dizer-lhe o mal que fazemos, eu e você, soltando o canário e o papa-capim nas árvores do seu quintal.

Nós não sabíamos que eles não tinham experiência de voar, pois haviam sido criados na gaiola. Quando se viram livres, donos do Espaço imenso, quereram fazer exercício, mas as suas asas estavam endurecidas, cansadas e atrofiadas pelo tempo que deixaram de fazer uso delas. Não podendo levantar vôos muito grandes, voaram para o quintal vizinho.

O Colá e o João, sabedores de que você iria soltar-lhos, armaram os alçapões.

O canário foi o primeiro a cair, faminto, porque não comeu nada desde que saiu da gaiola, ao ver o alçapão no alçapão, foi pensando talvez que ainda estava preso, começo. Coltado, mal se viu novamente prisioneiro começou a plor, triste, dolorido, atraindo o pobre papa-capim para junto de si; e o papa-capim caiu no outro alçapão.

Ah! meu amigo; se você visse a alegria do Colá! Ele pegou, como um gato faminto pegou o peixe que cai da carroça do peixeiro, uma perninha do canário e, puxando-a com força, sem mesmo se importar com os seus pios repassados de angústia, tirou-o do alçapão apertando-o com força entre os dedos e jogou-o dentro da gaiola, estupidamente, indo cair na vasilha que estava com água.

O pobre canário voou para o poleiro mais alto, sacudindo-se com medo, com nojo da gaiola suja, e começou a debater-se contra as grades, tentando fugir, mas em vão.

Eu vi o bico dele sangrar, coltado.

Com o papa-capim, o bruto fez o mesmo. Pois os dois na mesma gaiola, dependurando-a, depois, no seu barracão.

Estava todo contente com os dois novos prisioneiros. Até se esqueceu, o perverso, de dar-lhes de comer...

A tarde os dois passarinhos estavam jururás, empoleirados na trave mais alta. Quando o "seu" R. chegou, vendo-os daquele jeito e sabendo que era por falta de comida, mandou o filho encher a caixinha de alpiste e pôr algumas folhas de couve nas grades.

Para que os passaros não fôssem reconhecidos por você, em vista do "seu" R. ter-vos recomendado que, se o dono aparecesse, os entregasse, arrancou-lhes a cauda e cortou-lhes as uñas.

Conceito Sociológico do Anarquismo

J. P. GUTIERRES

I I

E, sempre assim, ora com uma revolta, ora com um pensador, alcançamos a época dos enciclopedistas, com Rousseau e Voltaire à frente. Rousseau, Voltaire, Hobbes etc., foram os filósofos da grande revolução, com seus escritos, onde combatiam as licenças da nobreza, no mesmo tempo que propagavam pela liberdade e melhoramentos da vida econômica e social dos servos. Mas foi a plebe, foram os esfarrapados, os "sans-culottes" que iniciaram e realmente a revolução, contra a vontade da burguesia, e mesmo dos partidos revolucionários; contra os Brissot e mais tarde contra Robespierre (que foi um bárbaro) e Danton.

Se a revolução deu ao mundo os célebres direitos do homem e do cidadão, a verdade é que sofreu do mesmo mal de Platão, isto é, desejando libertar o povo através do Estado e julgando que estando no poder homens de cultura superior estaria resolvida a questão econômica e social dos povos.

Errou profundamente ao organizar o novo Estado, porque, assim, destruiu a revolução, deixando-nos, apenas, com o 14 de Julho como símbolo da vontade popular, vontade que se fundia no cadiño dos subúrbios de Paris, já desde antes de 1776, e que culminou na tomada da Bastilha. Platão dizia que para haver uma sociedade bem organizada seria necessário serem os reis filósofos ou os filósofos reis; e os franceses de 93 julgavam que para governar o povo fazia-se mister que os homens mais representativos da burguesia que emergia do lamaçal opressivo em que jaziam, fossem os eleitos, para governar, não compreendendo que é o próprio Estado o causador de todos os males sociais.

Depois da Independência da América do Norte e da revolução francesa, e já terminada a época-guerreira de Paris, em 1871.

As doutrinas anarquistas espalham-se por todos os países com uma rapidez extraordinária, graças ao movimento operário irrompido por toda parte.

"Le Revolte", de Jean Grave, alcançava as massas populares e dentre os trabalhadores surgiu os Anselmo Lorenzo, íntimo amigo desse sapateiro que na Comune de Paris trouxe a revolução francesa, em que já se atribui ao Estado todos os males econômicos e sociais que a humanidade sofre. Proudhon, mais claro que Godwin, embora não alcançando a uniformidade do Bakunin, seu contemporâneo, foi quem, primeiro, falou em anarquia, muito embora já na revolução francesa. Brissot tinha qualificado de "anarquista" aos revolucionários radicais, que, sem terem uma filosofia organizada, queriam alcançar a liberdade completa, banindo o Estado do conselho da nação Francesa. Bakunin, que ao tempo de Proudhon atuava revolucionariamente, não foi apenas um filósofo. Criou seu anarquismo lutando ao lado do povo em toda parte onde se fazia mister estar num braço e um cérebro. Ficaria, talvez, no socialismo, se no seio da Internacional não encontrasse um ambiente completamente oposto ao sistema preconizado por Marx, da conquista do poder e se, na Federação Jurassiana, da Associação Internacionais dos Trabalhadores, da Suíça, não encontrasse um exemplo de como se pode viver sem governo.

Foi dalli, da federação, que Bakunin, James Guillame, Reclus e, mais tarde, Kropotkin, Malatesta, Luis Michel e certo número de exilados da Comune de Paris, foi dalli que se irradiou o anarquismo teórico para todo o mundo, depois dos ensinamentos da revolução conhecida por Comuna de Paris, em 1871.

(Conclui na pág. 2)

OS NOSSOS MORTOS

ANGELO BANDONI

Com 74 anos de idade, após uma vida intensa dedicada à propaganda libertária, faleceu há pouco tempo, neste Capital o velho lutador que foi Angelo Bandoni.

Velho para o Brasil lá pelo ano de 1898.

Bandoni era um idealista e pertencia ao número daqueles que consideravam a questão social uma questão humana. Por isso, logo que aqui chegou, dedicou-se à propaganda dos ideais libertários, fundando uma escola no bairro do Bom Retiro.

Mais tarde, tendo alcançado bom lugar nos serviços da S.P.R. do Alto da Serra, para lá foi, e ali permaneceu até que, a chamado de camadas que residiam em Cândido Rodrigues, transferiu-se para essa localidade e ali fundou uma escola para os filhos dos operários.

Voltando para São Paulo, com camaradas, o jornal anarquista "Germinal", que dirigiu.

Colaborou depois com Gigi Damiani e Alexandre Cerechial em "La Propaganda Libertaria". Mais tarde, também ao lado de Gigi Damiani, colaborou em "Guerra Social", de cujo grupo editor fazia parte.

Publicou, em verso, a "Odisseia de Santo Caserio".

Em janerio de 1919 ressurgindo o movimento libertário em São Paulo, depois de longa pausa em consequência da reação desencadeada em 1918, fundou, com S. Antonelli, F. Scudelario e C. Bongomoni, "Alba Rossa" ficando Bandoni na direção do mesmo.

Devido a certo artigo editorial publicado em "Alba Rossa", não concordando com a tendência marxista do mesmo, os demais componentes do grupo editor, Bandoni se afastou da direção daquele jornal e voltou a publicar "Germinal", que teve curta vida.

Desde então Angelo Bandoni manteve-se afastado do movimento até o dia em que a morte o colheu já com 74 anos vividos na luta em prol de um mundo livre.

Pela divulgação de "A Plebe"

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Foi bem acertada a campanha lançada em número anterior com o fim de ser conseguido um núcleo de assinantes que assegure a publicação regular de "A Plebe". Começamos a receber, devidamente preenchidos, os coupons distribuídos com nosso número 5.

Entretanto, é preciso apressar esse trabalho. Os companheiros e simpatizantes de nossa causa que julgam necessário o aparecimento deste órgão da luta libertária podem prestar uma valiosa contribuição para o êxito desta campanha. Basta que cada um consiga três assinantes entre amigos militantes assíduos, simpatizantes e estudiosos da questão social para que a existência do Jornal fique assegurada.

Enforeemo-nos, pois, todos nesse sentido, e com esse propósito. Urge garantir a publicação de "A-Plebe", para que possamos dedicar a nossa atenção e os nossos esforços em outras iniciativas da propaganda.

O Anarquismo na Prática
As Coletividades Espanholas

A socialização é, pois, o sistema de um regime social em que os campos, fábricas, oficinas e todos os instrumentos de trabalho são propriedade coletiva quer dizer, de todos em geral e de ninguém em particular —

Os coletivistas esbarraram com a incoerença das lens do Estado para a aplicação integral do princípio de economia socializada. Isto deu origem a certas contradições que devemos esclarecer, a fim de que não se confundam nem o confusionismo onde não existe senão na mente dos interessados em apresentar a economia revolucionária como um estado cadastral.

Dadas estas dificuldades, que deixavam de pé o sistema monetário e com ele os impostos a pagar ao Estado, os coletivistas, em seu regime de socialização, se viram obrigados a extrair do produto do trabalho coletivo as importâncias destinadas aos gastos com a fabricação dos artigos manufaturados; salários, desgaste de maquinaria, impostos, etc.

Efectuadas estas operações, o produto líquido ficava em poder das coletividades, não propriedade dos coletivistas. E já vimos como em muitas coletividades, uma vez cobertas as necessidades dos seus componentes, destinavam os lucros auferidos com o produto do trabalho aos municípios para embellacemento dos mesmos e para favorecer o desenvolvimento das artes, e da cultura em geral.

Abundam estes exemplos que citaremos enquanto estudarmos esta fase do processo da revolução através da obra realizada pelas coletividades.

Pela bem clara o seguinte: os coletivistas entendiam que a socialização pôs nas mãos dos trabalhadores toda a economia dentro de uma ordem de produção e distribuição de produtos.

A ninguém mais, senão a eles, compete esta dupla função.

Para o exercício destas funções se organizam e constituem os quadros sindicais de tipo industrialista que, com as respectivas federações, regularizam a vida econômica da região.

O sistema federalista permite conhecer, em dia, o volume de produção e a soma das necessidades. Os trabalhadores tem uma noção exata dos práticos que mais se necessitam, sabem onde e como transportá-los e automaticamente regulam a distribuição e o consumo.

A experiência de Espanha, atrevida; por certo, em muitos aspectos requer que fixemos nossa atenção sobre dois pontos, ou razões essenciais.

Pierre Besnard

CÁUSTICOS SOCIAIS

IMAGEM DO CRUZ — Em Nova York foi embarcado o novo carro de S. S. o Papa, acabado luxuosamente em crômo, ouro e seda, no valor de quatorze mil dólares. — ("O Cruzeiro" — 9-8-47)

Para comprar carros com estofos de crômo, ouro e seda, é que são canalizadas para o Vaticano as esmolas das caixas das almas de todo mundo. O mais interessante é que o patrono da cidadela papalina, que hoje tem uma função de porto na corte celestial, andava vestido de grosso bobel, calcado com sandálias e arrumado a um cajado tóscos a fazer longas caminhadas...

Como os tempos mudam e com os tempos a importância do papal...

Coisas Nossas
POR CAUSA DO JUDAS...

Esta seção foi criada para servir de tribuna de livre exame dos problemas focalizados nas colunas do jornal. Aqui são expostos e discutidos pontos de vista que nem sempre são os nossos. Isso acontece porque queremos que as nossas idéias sejam discutidas no próprio veículo onde são expostas.

De conformidade com esse critério, inserimos a seguir uma carta do sr. Antônio José da Silva, na qual manifesta a sua discordância com o que foi dito pelo nosso colaborador Peloriano Maia, em artigo aparecido no número 7 de "A Plebe". Publicamo-la integralmente, lamentando, entretanto, que o missivista tenha levado o ardor de sua fé ao ponto de invocar uma inutil ameaça de intervenção policial contra nós, além do uso de expressões agressivas, que poderiam ser classificadas de intollerância e que nada favorecem a exposição de seu ponto de vista.

A resposta ao que é dito nessa carta fica a cargo do nosso colaborador.

Batatala, 9 de setembro de 1947 — Exmo. Sr. Peloriano Maia: Cordiais saudações.

"A Plebe" de 1º deste mês me surpreendeu com um artigo intitulado "Jesus Cristo — O Carrasco de Judas" e uma carta sobre o mesmo assunto. O artigo e a carta estão assinados pelo sr. Peloriano Maia. Nesta carta escrito que o artigo foi "lapidado todo ele dentro da mais sadia lógica".

Foi esta afirmativa que mais me surpreendeu. "Dentro da mais sadia lógica" um artigo saturado de verdades e desverdades? Costaria de saber o que o ilustre Peloriano entende por "sadia lógica", pois o artigo em questão simplesmente prova uma sadia mentira.

Realmente, o sr. diz que Jesus não sabia o que o esperava. É falso. Todos os evangelhos deixam claro que Jesus sabia previamente quem era Judas e o que este lhe iria fazer no final da sua jornada. Leia os Evangelhos e verá que Jesus sabia de tudo muito bem, previra com antecipação dia todo e desenrolar o drama do

Calvário. Era um Deus que sabe todas as coisas.

Diz ainda que Jesus foi o carrasco de Judas. Os Evangelhos tem tanto esclarecimento a respeito de Judas e de sua atitude a deliberado em face de Cristo que sou forçado a classificar essa afirmativa peloriana de mentirosa deliberada. É uma blasfêmia. Se o sr. cita passos bíblicos, é por que tem a Bíblia. Não preciso citar-lhe por essa razão. E porque a tem o seu pecado é muito mais grave, pois está agindo de má fé, de caso pensado, com plena consciência de causa. É falso o que o sr. diz.

Diz ainda que Judas idealizava uma recepção com grandes festões e ingressos. Outra falsidade. Os evangelhos nada referem a respeito.

Afirmou que Cristo mataria a fome de 7 mil pessoas com um só pão. Falso. A Bíblia refere 5 pães para quase 5 mil homens, num lugar, e noutra 7 pães para quase 4 mil homens. Em nenhum lugar se lhe pôs para 7 mil. O sr. falseou a verdade.

Abracos cordiais do — Antonio José da Silva".

A PLEBE

S. PAULO, 15 DE SETEMBRO DE 1947

ANO 31 — NUM. 8 (Nova fase)

Campos, Fábricas e Oficinas

O Trabalho Livre da Exploração

O trabalho é uma necessidade social; a ele se devem as riquezas da sociedade humana. Pode um parasita qualquer substituir-lor por deliciosos divertimentos, por esforços inutéis ou nocivos, descarregando toda a enorme tarefa humana, sobre os ombros daqueles para quem o trabalho é transformado numa horrível fadiga; mas feito por todos ou por uma parte, o trabalho é uma necessidade social.

Necessidade social e necessidade fisiológica combinam-se, iam numa sociedade em que ninguém quisesse manter ociosos e parasitas. Então cada indivíduo acharia no trabalho uma dupla utilidade: a satisfação da necessidade do exercício e da necessidade de restaurar e adquirir novas forças — a satisfação, enfim, de todas as necessidades da vida, físicas, intelectuais e morais. E assim o trabalho, que seria a própria vida, a luta para arrancar à natureza mais bem estar e liberdade, tornar-se-ia ainda um hábito moral, uma necessidade moral. Gastar a energia, desperdiçá-la num esforço inútil ou incompleto, seria considerado como uma doença.

Mais: o trabalho é um equilíbrio de forças numa vida saudável, normal. Deve deter-se nos limites da fadiga e exigir uma reparação suficiente. Se o seu fim é útil à vida, é conservar a vida, produzir forças, como começar por contradizer esse fim com uma fadiga extenuante e mortal? É um absurdo evidente. E ainda axiomático é que deve ser voluntário, obedecendo ao impulso das necessidades, segundo as aptidões e as capacidades de cada um.

O que nós vemos não é o trabalho bom e equilibrado do homem livre, mas a pena brutal do escravo, o castigo imposto pelos deuses da bíblia e pelos senhores da terra; e ainda o sibaritismo parasitário do patrão. Os próprios que mais se avizinharam do vero "tipo" de trabalhador, têm os seus prazeres aguados pelo desequilíbrio social e a custo mantêm uma vida de saudade e de alegria.

Tu bem vês, proletário: o que se chama o regime da propriedade individual e do salário, garantido pela violência organi-

zada, impede o florir do belo e forte trabalho. O dono da máquina que, vigias, da terra que lavras, do instrumento que manejas, do dinheiro que tudo isso representa, dita-te a ferrea lei do vencedor: — "Ou ficas na fábrica, em casa, no campo, curvado todo o dia sob uma fadiga monótona, continua, aviltante: e, apesar de tudo, não está sempre presente", porque muitas vezes queres fazer-te explorar e o patrão não te quer, e tu andas de porta em porta, suplicando que... te explorem!

O mais pesado trabalho que conhecemos aos ricos é o de governar, de dirigir, de manter a exploração com a violência, de organizar a defesa do roubo... E ainda nisto, o mais pesado é feito... pelos explorados! Curioso!

Mas — Eis a questão: fazer com que o trabalho manual seja para todos: todos terão interesse em torná-lo agradável, leve, saudável.

Não queremos saber se Deus

(nome singular com que se explicam todos os absurdos e se justificam todas as vilanias) o fez para todos: o que sabemos é que depende que ele seja realmente para todos. E os que não querem permanecer neste estado de coisas, devem trabalhar para o mudar.

O caminho está traçado: abolir o dinheiro, a propriedade particular e o Estado que a defende e a renovaria, se o deixasse de pé; pôr em comum a terra e os instrumentos de trabalho, os meios de produção. Libertar e aliviar o trabalho e produzir abundância: construir máquinas, cultivar as terras, fabricar produtos úteis, utilizar forças perdidas, braços inertes ou mal empregados.

Eis a obra grandiosa que se deve preparar e realizar.

O TRABALHO E OS SEUS FRUTOS PARA TODOS.

Nuno Vasco



E' isto que se verificará — quando o proletariado se decidir a agir decisivamente

Emancipação da Mulher na Revolução Espanhola

Entre as experiências levadas a efeito pelos revolucionários espanhóis em 1936, no sentido da transformação social aproveitando-se os elementos e a herança da sociedade burguesa, e como período de transição na marcha para a emancipação completa da humanidade, é digna de registro a emancipação económica da mulher e da criança.

Operou-se, nesse sentido, uma transformação audaciosa capaz de colocar a mulher e a criança num plano elevado de independência.

As coletividades davam à mulher os meios de existência, quer estivesse no desempenho das suas qualidades de dona de casa, quer no trabalho dos campos.

Um princípio fundamental foi reconhecido: o direito à vida para a mulher, qualquer que seja a sua condição social.

A mulher sem companheiro, com filhos e impedida de trabalhar por ter de se dedicar a eles, recebeu o salário de família, ou o que lhe fosse equivalente em utilidades: roupas, alojamento, gêneros alimentícios, etc.

A criança teve, nas coletividades espanholas, reconhecido o seu direito à vida. Era bastante o ter nascido para ter direito a um salário equivalente às suas necessidades. Não se trata da assistência dada à criança em certos países, com caráter caritativo: é o reconhecimento de um direito que ninguém se atreve a discutir. A instrução obrigatoria, legalizada por quasi todos os governos, não é senão uma decisão legal hipócrita, visto que a miséria dos pais impede muitas vezes que os seus filhos vão à escola.

No regime de proteção à criança das coletividades espanholas não era mais necessário a criança trabalhar para ajudar a manutenção das famílias, visto que as Coletividades forneciam a todos os meios de existência.

O princípio jurídico das coletividades é completamente novo. Não se trata de sindicatos, nem de comunas, no sentido tradicional do termo, muito menos das comunas da Idade Média. Aproximam-se, entretanto, muito mais da concepção comunal do que do espírito sindicalista.

As Coletividades, que se poderiam também chamar comunidades, (como as de Binefar), constituíram, por assim dizer, o todo — no qual os agrupamentos profissionais ou os serviços públicos, as funções municipais ou a troca de produtos eram partes subordinadas ao princípio do bem estar colectivo.

Foi assim que, na Espanha, no curto período de existência deste novo sistema preconizado pelos anarquistas, tornou-se possível a realização prática da verdadeira emancipação da mulher e da criança, não no sentido político do regime capitalista, mas como reconhecimento de um direito humano à vida e à participação da felicidade.

Curso de Higiene Mental

Realizou-se no dia 8 a anunciativa conferência do dr. Pedro da Silva Dantas — Higiene Mental e Política — em continuação ao curso de Higiene Mental que está sendo levado a efeito no Salão do Gremio Dramático Hispano Americano, por iniciativa da Universidade Popular — Presidente Roosevelt, em cooperação com o Centro de Cultura Social.

Hoje à noite, ainda em continuação ao curso que tem atrair assistências bastante numerosas, o último orador desta série de conferências discorrerá sobre o tema: Higiene Mental e Civilização, dando-se assim o encerramento deste curso.

E, de se prever que tenha a mesma concorrência das conferências anteriores dado o interesse que vem despertando o Curso de Higiene Mental.

Para comemorar esta feliz realização, haverá dentro em breve um festival de confraternização.

Um XX de Setembro SANGRENTO

COMO TOMBOU A PRIMEIRA VITIMA DO MOVIMENTO LIBERTARIO BRASILEIRO

A exemplo do que acontecera em anos anteriores, essa data devia ser comemorada em São Paulo, no ano de 1898, pelos elementos da esquerda, que lhe prestavam uma significação de repulsa do livre pensamento contra a dominação do Papado.

Entretanto, certos elementos de orientação reacionária da colônia italiana, verdadeiros antecessores dos "camorristas" do fascismo, saíram em provocadora passata de glorificação ao rei da Itália. Os elementos libertários, com a cooperação de socialistas, aceitaram o desafio e também organizaram uma manifestação em homenagem ao proletariado italiano, fazendo o mesmo percurso da manifestação dos reacionários e indo até à frente do consulado italiano, a fim de lançar o seu protesto contra os autores do massacre de Milão e saudar o povo livre da Itália. Feito isso, a manifestação dissolveu-se.

Os reacionários, porém, não queriam perder a oportunidade que lhes permitiu dar expansão à sua fúria sanguinária, e, secundados por policiais, atiraram-se como foras contra alguns retardatários, que se defendiam como puderam.

Entre as vítimas dessa agressão covarde estava Polinice Mattel, que foi privado de punhaladas, sucumbindo em consequência dos ferimentos recebidos.

Antigamente, a data de 20 de Setembro era comemorada com manifestações públicas promovidas por elementos da colônia italiana. A de 1898 teve um desfecho sangrento, com

o assassinato do operário Polinice Mattel.

Como já se passaram muitos anos que esse acontecimento se verificou, a geração ignora porque e como se deu o assassinato desse trabalhador, que era um entusiasta militante libertário.

Convém, pois, rememorar esse fato que está ligado à história do movimento anarquista.

Estava viva na lembrança de todos a jornada tragicada dos sangrentos acontecimentos de que fôrte teatro a cidade de Milão, na Itália, onde uma manifestação popular havia sido atacada pela polícia, ocasionando numerosas vítimas. Essa violência provocou grande indignação em todas as pessoas de crença livre daquele país, com repercussão no exterior.



Polinice Mattel

"A PLEBE"

Caixa Postal 5739

SÃO PAULO

Contra a lei-Monstro

Lançada de surpresa, com o intuito de facilitar a sua imposição, a lei de segurança provocou imediata repulsa na opinião pública.

Isso fez com que os reacionários recussem, esperando melhor oportunidade. Julgando vencido o movimento de protesto, voltaram à carga, pondo-se o seu autor a defender esse aborto infecto do fascismo por meio do rádio e da imprensa vendida à reação clerico-capitalista. Demonstrava, pois, essa atitude o propósito de ser imposta a lei-arracho, como preparação para a implantação de novo, do regime totalitário.

Esse perigo alertou os elementos esclarecidos, que proclamaram a necessidade de ser atinada a campanha popular em defesa das liberdades públicas em perigo.

Nesse sentido, o elemento estudantil convocou o povo para um comício, que foi realizado na noite de 12 de outubro no Parque Anhangabaú. Falaram vários oradores dos estudantes e de outros elementos, demonstrando todos a necessidade da luta ativa contra essa lei, que virá ser um instrumento para a ação do fascismo.

Todos, portanto, contra a lei de segurança — por todos os meios, em toda a parte!

Congresso Anarquista Internacional

Possuem na França os preparativos do congresso que deverá reunir representantes dos elementos libertários de toda a parte e que terá por fim estabelecer as normas de uma ação conjunta para dar maior valo à obra do anarquismo internacional.

Por proposta da Federação Anarquista Britânica, cogita-se, entretanto, de serem reunidos antes os representantes do anarquismo da Europa.

Com o fim de arrecadar recursos destinados à cobertura das despesas do Congresso Anarquista Internacional, foi distribuído um selo sombrio, a dois cruzeiros cada um. Os companheiros poderão adquiri-los na "A Plebe".

BONIFACIOS.

NEM PAO NEM CIRCO...

"Os padelos ameaçam suspender definitivamente as suas atividades".

(Dos jornais)

Era assim na Roma antiga
Dos Cesares omnipotentes:
O povo, preso às correntes,
Traxia cheia a barriga...

"Panem et circens" era a nota
Daquela gente atraída
Para escapar da miséria
De ver o povo em revolta.

Mas hoje são coisas mortas
Os aforismos de então.
Padelos fecham as portas
E deixam o povo sem pão...

E que tal se o povo, traido,
As padarias tomasse
E o próprio pão fabricasse
Mandando as favas o Estado...
Frei João Sem Culdados